

CONGRESSO INTERNACIONAL “O ENSINO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS DIDÁCTICAS”

**INTERNATIONAL CONGRESS: “O ENSINO DAS LÍNGUAS
CLÁSSICAS: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS DIDÁCTICAS”**

CLÁUDIA CRAVO & SUSANA MARQUES
FACULDADE DE LETRAS - UNIVERSIDADE DE COIMBRA
claudiacravo@fl.uc.pt
smp@fl.uc.pt

237

MARIA TERESA CARRIÇO
ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DR. BERNARDINO MACHADO
teresacarrico@aefigueiramar.pt

No dia 22 de abril de 2016 teve lugar, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o Congresso Internacional “O Ensino das Línguas Clássicas: reflexões e experiências didácticas”. O evento reuniu oradores nacionais e internacionais, representativos de métodos de ensino diversos na área em causa. Acreditado como uma ação de formação pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, teve o apoio do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, do Núcleo de Estudos em Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, do Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação de Formadores” da

Universidade de Aveiro, do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, do Grupo de Políticas e Organizações Educativas e Dinâmicas Educacionais da Universidade de Coimbra e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O Congresso contou com um público numeroso, interessado e muito participativo, facto que ilustra a importância da realização deste evento num momento em que se tem vindo a apostar de forma empenhada na reintrodução dos Estudos Clássicos no sistema educativo português. É de destacar que um Congresso nesta área do ensino das Línguas Clássicas já não acontecia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 2001, e era absolutamente necessário proporcionar uma reflexão favorecedora de uma atualização dos diversos agentes educativos. O encontro integrou-se no âmbito de um projeto mais abrangente, recém-criado, que se designou *Artes Docendi* e que pretende englobar a investigação e a formação desenvolvidas na área da Didática dos Estudos Clássicos (http://www.uc.pt/iii/research_centers/CECH/projetos/didaticaLatim).

O programa do Congresso encontra-se disponível em <https://sites.google.com/site/ciensenlinguasclassicas/>

As reflexões resultantes deste evento poderão ser consultadas num volume a publicar muito em breve.

Segue-se o texto de uma das participantes neste encontro, Maria Teresa Carriço, professora orientadora de escola, cooperante com a FLUC.

Cláudia Cravo
Susana Marques

ALEA IACTA EST: UMA EXPERIÊNCIA NO ÂMBITO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO DE LATIM

Aprender Latim é como aprender a nadar: depois das primeiras brachadas sem boia, o saber entranha-se e não mais é esquecido. No entanto,

o seu ensino (do Latim, entenda-se, porque para as olimpíadas não há questões) e, por consequência, a sua aprendizagem são contrariados por filhos de algo que, afinal, subestimam a própria identidade.

Todavia, não posso continuar a desenvolver o que aqui me traz, sem antes tecer um mui sincero agradecimento a uma amiga muito cara que me ergueu do Hades, depois de ter chegado à Figueira da Foz, vinte anos após ter vivido em Braga e ter trabalhado em escolas do distrito onde, por muito tempo, passei pela minha “Idade do Ouro”, no que respeita à lecionação do Latim.

Ia correr o ano letivo de 2014/2015. Era necessário assegurar o trabalho de orientação de estágio na área do Latim e, por interposta pessoa, essa minha querida amiga descobriu-me, andava eu já na “Idade do Carvão”, relativamente a esse assunto.

Então, das cinzas (não, não foi a Fénix) descobriram-se as raízes, ainda não lassas pelo tempo, e, acreditai, foi difícil, muito difícil (ninguém de fora entendia nada de nada) mas não fora o empenho, o esforço, a persistência e aquela com a qual rima, a paciência, jobina, das Professoras Cláudia Cravo e Paula Barata Dias, hoje nada de nada se passaria entre as duas instituições com as quais estou envolvida, até ao momento: a minha escola e a FLUC, onde desenvolvo um trabalho do qual me orgulho.

Corre o *annus Domini* de 2016. A minha amiga Professora Cláudia Cravo lança-me um repto: dar testemunho da minha experiência, enquanto orientadora de estágio pedagógico nesta área. Não escondo que se deu em mim um “maremoto”, tendo em conta a percentagem de água existente no nosso organismo. Amareleci! Na verdade, este género de desafios não concorre, de todo, para o meu conforto por duas meras razões: terror das plateias e a minha inata introversão. Daí ter escolhido o título *Alea iacta est*, não por ser uma Cesarina, não por ser uma ditadora, não por desejar atacar a minha pátria mas porque a irreversibilidade da decisão tomada sobre o que fazer, numa situação de grave perigo – enfrentar o meu próprio Rubicão – afastada totalmente a possibilidade de voltar atrás, era já um facto que devia consumir.

O MEU CONTRIBUTO PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE LATIM

Explanarei este item em quatro pontos que considero cruciais:

1. *Planificação*

Tendo constatado que, à semelhança das outras disciplinas dos *curricula* do ensino secundário, a disciplina de Latim recebeu do trabalho meticoloso de quem de direito o documento das Metas Curriculares, orientação basilar para o trabalho de consecução do programa oficial, sigo a planificação que nele consta.

Não revelo particular propensão para as planificações periódicas, dado que acredito que, após ter a referência geral do trabalho que deve ser desenvolvido, importa, isso sim, construir formas que façam com que os objetivos pretendidos para uma determinada aula possam ser cumpridos. Não utilizo a forma verbal “devam” porque o professor não é um “bloco de notas”. Ao contrário, o *magister* vai interagindo, estando sempre atento às dúvidas dos seus alunos, lendo, muitas vezes, as suas expressões faciais, recorrendo a conhecimentos que não previu naquela planificação mas que considere essenciais para a formação do indivíduo. Na verdade, a disciplina de Latim tem uma vertente formativa tão vincada e abrangente de saberes que nunca deve ser descurada.

É certo, ainda, que a leção de conteúdos deve ser feita paulatinamente, de acordo com o ritmo dos pupilos, uma vez que, sendo as turmas constituídas por um número tão reduzido de alunos, a todos importa chegar.

Também não é de maior importância a atribuição de minutos estanques para cada momento de aula: tudo deve fluir naturalmente e, acaso não seja possível cumprir o “horário”, outra aula virá e outra e outra... Respeito a liberdade do professor-estagiário, tendo em conta que contribuirá para a sua autonomia; é, porém, meu dever incutir a noção de equilíbrio que deve existir entre essa liberdade e a leção

metódica da disciplina, algo que se vai conquistando ao longo do tempo, pacientemente.

2. As ferramentas informáticas

Liberdade aos professores-estagiários. Criatividade e muito ensino à orientadora. É com eles que tenho aprendido as novas formas de ensinar Latim: vídeos, filmes, *powerpoint*, e agora, a minha grande descoberta – o PREZI, as delícias da minha evolução enquanto ser ensinante, quase em vias de extinção, porque info-excluído. O importante é não produzir “ruído” nas aprendizagens e essas ferramentas devem, pois, ser exequíveis para a concretização do resultado profícuo do ato da leção. Aos meus colegas estagiários o meu “bem hajam”.

3. A essência na base da génese

Neste ponto, cito uma outra grande amiga, a Luísa Pereirinha, com quem passei na FLUC uma das melhores partes das nossas vidas, e que também se encontra sentada aqui e agora, nos mesmos bancos que outrora nos receberam com a avidez própria de quem “pega na trouxa”, muda de casa, para vir estudar:

“Atrevo-me até a pensar que o facto de o Latim estar ou não vivo é uma falsa questão. O que importa é que nós soubemos aproveitar a sua estrutura linguística (e cultural) e adaptá-la às nossas vivências contemporâneas. Se nós estamos vivos, então o Latim também estará. Se falamos português, então falamos também Latim.”

E assim se vai iniciando a grande jornada ao mundo da Antiguidade Clássica, aos nossos ancestrais Romanos que, sem terem dado conta, se viram multiplicados em tantos outros povos e línguas. Assim surgem as *puellae* e a sua pulcritude, os “homens viris” e as suas virilhas e os “magníficos templos” e a sua magnificência, por exemplo.

Perante um texto, favoreço três tipos de leitura: a silenciosa, a modelar e a do aluno, sempre com as devidas correções, sempre que necessárias.

Quanto ao trabalho de tradução, a estratégia usual é aquela que segue os passos sobejamente conhecidos de todos: à procura do verbo, ainda que elítico, seguindo-se-lhe a descoberta das palavras que podem corresponder às tão puídas perguntas “quem?”, “o quê?”, “a quem?”, “como?”, “quando?”, “de quê?”, “de quem?” e, assim, vão surgindo os casos e as funções sintáticas a eles associadas, as preposições e sua regência e a restante panóplia de conhecimentos que fazem jus à construção da *alma mater lusitana*.

No 10.º ano, os alunos não usam o dicionário. É objetivo primordial adquirir vocabulário de todas as classes gramaticais sem terem de contar com essa “muleta”, que, quanto a mim, inibe a sua autonomia. Por isso, a memorização das palavras latinas, resultado de um trabalho perseverante de tradução, alimentará a memória visual dos termos mais usados na comunicação linguística, sob o trabalho ritmado do “papel e lápis, papel e lápis, papel e lápis”... mas existe sempre um glossário de apoio à leitura do texto, o qual, por sua vez, também se projeta no quadro.

Ao contrário, no 11.º ano, os alunos fazem um trabalho aturado no manuseamento do dicionário, sendo a principal finalidade saber encontrar os vocábulos, segundo a técnica aprendida no 10.º ano. O texto latino, tal como preconizado nas “Metas”, ou é “autêntico ou adaptado”, sendo este último o preferido, deixando sobretudo para o 12.º ano o contacto com o estilo dos autores.

Outra forma que me apraz destacar é o exercício de tradução intuitiva, isto é, o aluno traduz, à primeira vista, o que lhe parece estar escrito no texto de partida e regista-se essa proposta no quadro; depois, em conjunto com os restantes elementos da turma, medimos a distância que pode haver entre texto de partida e o texto de chegada, feita a devida análise daquele.

Entretanto, coloca-se-me, ademais, outra questão: resolver os itens de identificação e justificação de casos antes ou depois da tradução do texto? Não sou fundamentalista; porém atento-me à segunda alternativa.

Na verdade, assim foi como me ensinaram e assim foi o que sempre considerei mais frutífero; por isso, aplico e aconselho. No entanto, resolver esses itens antes da tradução também tem toda a lógica, pois orienta e desperta o aluno para a especificidade dos casos em que certas palavras se encontram.

Adito, por fim, que a ordem de resposta aos itens pode ser alterada, num teste, num exame...; por conseguinte, deixo ao aluno a escolha pelo que lhe seja mais confortável, tal como me aconteceu, tendo, assim, criado o meu método de trabalho, enquanto estudante e, porque nele acreditei, enquanto professora.

Depois, vêm os exercícios de versão de Português para Latim. Estes nunca são descurados, desde a aprendizagem das primeiras letras. Através desta forma de exercitação do raciocínio, o aluno é levado a resolver o “jogo” para o qual foi convidado. No 10.º ano, começa-se por uma frase, duas orações, três... quatro... um pequeno texto, sobretudo quando já tiverem sido lecionadas as orações coordenadas e subordinadas (temporais e causais), contributo para a elaboração de um texto pleno de frases complexas. No 11.º ano, as restantes orações subordinadas antecipam, elas mesmas, com orgulho, o jogo de peões com que desafiam os alunos a elaborar já textos bem complexos.

A certa altura, neste ano letivo, estes meus alunos sugeriram-me uma metodologia diferente: «Ó professora, porque é que não nos dá a resposta cheia de erros ao exercício de versão, para nós corrigirmos?» Embora nunca tivesse pensado nisso, naquele momento o paradoxo era tangente: era o que eu queria ouvir! E assim, começou a ser posta em prática uma outra forma de encontrar a chave para solucionar o problema, tantas vezes matemático.

4. *O manual*

Não há! Passo a explicar: ao longo da minha carreira tive a oportunidade de coligir um pequeno acervo de manuais de Latim. Destaco os manuais de 10.º, 11.º, 12.º do Professor João Soares, os do Professor

Afonso Borregana e, claro, os das Professoras Isaltina Martins e Teresa Freire. Todos eles excelentes, todos eles magníficos orientadores da prática letiva. Por isso mesmo, quando preparamos uma aula, devemos estar rodeados de toda a proficuidade que deles emana e construir um produto final que reúna tudo de que necessitamos, para satisfazermos os nossos objetivos. E assim nascem os portefólios, elemento sagrado para os alunos e para nós, professores. Estes são sempre avaliados no final de cada período, segundo os parâmetros que passam a enunciar-se: apresentação, ortografia quer em Latim quer em Português, organização das fichas de trabalho na ordem pela qual são lecionados os conteúdos culturais e linguísticos. Pretende-se, também, incrementar mais autonomia nos alunos, para que ganhem consciência de que é preciso trabalhar muito e refletir outro tanto na organização de um estudo metódico, sistemático e necessário à aprendizagem de uma língua.

De tudo o que disse, creio que o melhor legado que fica para os alunos e colegas estagiários deverá ser a paixão. A paixão pelo que se faz, a paixão com que se faz, a paixão de como se faz. Uma aula dada com verve natural poderá ser uma preciosa ajuda para se ter algum sucesso, ainda que esta possa não ser uma verdade absoluta. Porém, é também com amor que se transmite a segurança do professor, ingrediente necessário para que nele confiem.

Resta-me terminar, não sem antes agradecer a todos os meus mestres: aos que me fizeram dar os primeiros passos e foram, para mim, a fonte de inspiração para começar a ser professora de Latim. Deles herdei essa paixão, a confiança, o gosto por gostar de ser quem sou. Ao Professor Pedrosa Veríssimo, por me ter dado um puxão de orelhas, quando, certa vez, não acertei na identificação de uma forma do pretérito mais que perfeito do modo indicativo, ativo; ao Professor João Soares, por me ter dado uma perspetiva divertida de algumas matérias da cultura e pensamento romanos e por me ter oferecido todas as edições dos seus manuais, autografadas; a todos os professores que, aqui, na Faculdade, perpetuaram os meus conhecimentos e me

abriram as portas para continuar a minha caminhada. A todos trago no coração e na lembrança.

Deixem-me, ainda, alguns segundos para me render a essa fulgurante figura de sapiência que foi o Senhor Professor Walter de Medeiros:

Meu querido amigo, onde quer que se encontre, obrigada por me ter ensinado a amar este sacerdócio, por me ter permitido viver a experiência de o ver lecionar de olhos fechados, expressividade nas mãos, voz suave e meiga, que traduziam o prazer e a paixão contagiantes que imprimia sempre à sua missão de professor. Assim me fez crer que cada uma das suas aulas parecia uma canção de gesta sobre as virtudes dos seus heróis aedos.

Obrigada, Senhor Professor!

Maria Teresa Carriço